

O LIVRO COMO INDICADOR DA PRODUÇÃO INTELECTUAL NA GRANDE ÁREA DA SAÚDE

Dr^a. YARA M. DE CARVALHO

Professora doutora da Universidade de São Paulo (USP)
Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação Física e Saúde Coletiva
E-mail: yaramc@usp.br

EDISON DE J. MANOEL

Professor da Universidade de São Paulo (USP)
Coordenador do Grupo de Estudo Desenvolvimento da Ação e Intervenção Motora
E-mail: ejmanoel@usp.br

RESUMO

O livro impresso exerceu e exerce papel relevante na formação e na difusão de idéias e conhecimento. A universidade é o espaço do livro por excelência, entretanto, até recentemente, a política de avaliação das agências de fomento, particularmente a da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), atribuía papel secundário ao livro com conseqüências desastrosas para programas de pós-graduação e docentes no campo da saúde cuja investigação se orienta pelas ciências humanas e sociais. O presente ensaio propõe uma reflexão a respeito da natureza do livro e seu impacto como indicador da produção intelectual na grande área da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; produção intelectual; avaliação de livro; política de avaliação da Capes; grande área da saúde; ciências humanas e sociais na saúde.

INTRODUÇÃO

A avaliação da produção intelectual da comunidade científica ganhou importância a partir da década de 1980 quando as agências de fomento e algumas universidades públicas passaram a utilizar procedimentos de classificação, seja de programas de pós-graduação, seja de docentes para fins de alocação de recursos financeiros, no caso de programas, para a definição de contratos e regimes de trabalho, concessão de auxílios e bolsas de pesquisa, no caso dos docentes. Como todos estão envolvidos na produção do conhecimento caberia a esses órgãos quantificar essa produção, pois se esperava do pesquisador uma capacidade de produzir com regularidade e com qualidade. Essa tendência tornou-se mais marcante quando a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) condicionou a atribuição de conceitos aos programas de pós-graduação à produção intelectual. Um programa poderia ter bom desempenho em vários quesitos da avaliação: proposta, infra-estrutura, corpo docente, corpo discente, mas se sua produção intelectual fosse regular, o conceito do programa seria igualmente regular. De forma gradual e até subliminar, instalou-se nas universidades públicas uma versão “adaptada” do “*publish or perish*”, tônica das universidades norte-americanas desde a década de 1960.

A discussão sobre a natureza da produção intelectual e dos meios mais adequados para avaliá-la tem sido acirrada em várias áreas e campos do conhecimento, mas na educação física ela ainda é recente (cf. BETTI et al., 2004; KOKUBUN, 2004). A lógica da produção científica em larga escala instala-se com a preocupação de que é preciso alcançar a excelência na universidade, de que é preciso modernizá-la. Todavia, como enfatiza Chauí (2001), a modernização traduz-se numa “universidade de serviços”, cujo enfoque recai sobre a “docência e a pesquisa de resultados”. Busca-se formar cada vez mais alunos, produzir aos borbotões, sem que se pare a linha de montagem por um instante, e se reflita sobre a qualidade da formação e da produção. Uma das decorrências dessa forma de gerir a universidade refere-se à hegemonia do artigo em periódico científico como o veículo de produção intelectual. O livro como forma legítima dessa produção perdeu gradualmente seu prestígio, sendo mesmo considerado uma produção secundária e até irrelevante para a construção do conhecimento. E esse fato contrasta com a importância desse veículo de comunicação ao longo da história da humanidade e do conhecimento. Um grande cultor do livro, José Mindlin¹, escreveu:

¹ José Mindlin, bibliófilo, recentemente fez doação à Universidade de São Paulo (USP) do acervo de sua Biblioteca Brasileira, com mais de 40 mil títulos, sobre estudos brasileiros. Com a doação, a universidade fica responsável pela maior coleção de brasileiras do mundo.

O livro se constituiu em veículo insubstituível das idéias dos humanistas do Renascimento, dos responsáveis pela Revolução Científica, dos reformadores e contra-reformadores cristãos e dos grandes filósofos modernos. Desempenhou um papel fundamental na intensa e atribulada vida intelectual do “século das luzes” e foi o portador das idéias políticas de 1789 e das primeiras reivindicações sociais que marcaram o início da Revolução Industrial.

[...]

a invenção da escrita se situa no terceiro milênio antes de nossa era, o livro impresso levou mais de quatro mil anos para surgir e permitir, a camadas cada vez mais amplas, um conhecimento até então reservado apenas a elites privilegiadas.

De fato, o livro manuscrito já representava um instrumento poderoso de informação, mas de alcance obviamente limitado, para difundir no seu tempo, e trazer até nós o pensamento antigo.

Entretanto, foi evidentemente o livro impresso, junto ao desenvolvimento da indústria papelreira, que tornou possível a transmissão em grande escala, através do tempo e do espaço, do conhecimento filosófico, histórico, científico e religioso – sem falar da produção literária – que se veio acumulando desde a Idade Média” (MINDLIN, 1992).

O livro impresso influenciou e influencia na formação do ser humano e na difusão das idéias e do conhecimento. No entanto, no Brasil, o livro tem presença tímida, do ponto de vista quantitativo. Consta haver mais livrarias em Buenos Aires, capital da Argentina, do que em todo território brasileiro. Há alguns dados objetivos que explicam a condição marginal do livro em muitas sociedades: o analfabetismo, ou ainda o pequeno número de escritores e leitores e, para o caso do Brasil, esses exemplos podem explicar a baixa procura pelo livro e seu uso eventual para a maioria, ainda que sejamos uma civilização que se comunica por meio da escrita.

A universidade é o espaço e o tempo, por excelência, de dedicação ao livro como instrumento de diálogo entre culturas, como um dos meios que possibilita a formação, de um lado, e a comunicação, de outro, entre pesquisadores, grupos de estudo e sociedade. Desde sua origem, a universidade teve no livro um elemento formador central. Essa importância não mostra sinais de diminuir após mais de quinhentos anos. Como ressalta Bufrem (2001), o livro ainda desempenha uma função acadêmica essencial na universidade.

Entretanto, há controvérsias a respeito do assunto e o propósito do presente ensaio é contribuir com a discussão relativa à natureza do livro e seu impacto como indicador da produção intelectual no âmbito de um conjunto de programas de pós-graduação que na Capes recebe a denominação de Área 21² (que agrega a

² Na Área 21 a produção de livros corresponde, em média, a 1/3 da produção intelectual dos programas, e a média de livros e capítulos de livro por docente num triênio é próxima às médias observadas em outras áreas como das ciências sociais e humanas (CARVALHO; MANDEL, 2006).

educação física, a fonoaudiologia, a terapia ocupacional e a fisioterapia), a qual, por sua vez, faz parte da grande área da saúde, composta também pela medicina, saúde coletiva, odontologia, enfermagem e farmácia.

O LIVRO NA AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO INTELECTUAL

Com a instituição do Sistema Qualis pela Capes, a partir de 1998, a produção intelectual passou a ser classificada com base em indicadores de qualidade (A, B ou C) e de âmbito (internacional, nacional ou local) para os periódicos científicos. Na grande área da saúde, particularmente, estabeleceu-se uma hierarquia de modo que um artigo publicado em periódico A Internacional é mais valorizado que um artigo em periódico B Internacional e assim sucessivamente. Os questionamentos a respeito da capacidade de esse sistema identificar produção de qualidade e de relevância para a pós-graduação são muitos e já os discutimos em outro trabalho (CARVALHO; MANOEL, 2006). O nosso objeto de discussão aqui é a “solução” encontrada pela grande área da saúde para equacionar o problema da “qualificação” dos livros produzidos nos programas de pós-graduação: a produção de um livro, ou capítulo de livro, é equivalente à produção de um artigo, um livro publicado por editora nacional corresponderia a um artigo publicado em periódico A Nacional, um capítulo de livro publicado por editora nacional corresponderia a um artigo publicado em periódico B Nacional.

Outro ponto a ressaltar refere-se ao limite na quantidade de material em formato livro a ser considerado na avaliação, previamente definido com base na quantidade necessária de artigos a serem apresentados. Ou seja, até 2006, um docente só poderia apresentar um livro ou capítulo de livro por triênio, as demais produções, duas pelo menos, deveriam ser artigos em periódicos científicos.

Como diz Luz (2005, p. 633),

[...] está presente na comunidade acadêmica uma concepção tácita que o livro, como produção científica singular, constando de um conjunto de conteúdos disciplinares atribuíveis a um autor, ou mesmo a vários, seria *inavaliável objetivamente*, sendo por este motivo praticamente *inafiançável* como veículo difusor de conhecimento, uma vez que o julgamento sobre o caráter científico dos conteúdos desse objeto único não se embasaria em critérios *objetivos* de avaliação.

A dificuldade de valorizar o livro na grande área da saúde contrasta com o número de referências a livros encontradas nas ementas das disciplinas dos programas de pós-graduação da Área 21 no triênio 2001-2003. Constatamos que mais de 90% dos títulos indicados na bibliografia básica das disciplinas se referem a livros.

Considerando que no sistema atual da pós-graduação as disciplinas devem exercer papel formativo, entende-se que a bibliografia básica consiste num conjunto de obras relevantes para o desenvolvimento de diferentes temáticas ou para o conjunto de uma área de concentração. Essa característica daria aos livros citados uma dimensão de seu impacto num elemento central da pós-graduação – a formação acadêmica dos estudantes.

Outro exemplo que retrata a importância do livro, agora nas humanidades e ciências sociais, são as resenhas, que funcionam como indicador de qualidade da produção no formato específico. Há periódicos que se dedicam exclusivamente à publicação das resenhas fornecendo subsídios para uma avaliação, ainda que inicial, do mérito acadêmico do texto para uma área ou conjunto de áreas. Cabe aqui ilustrar o que escrevemos: de 1895 até hoje o *American Historical Review* veiculou cerca de mil resenhas ao ano (NATOWITZ; CARLO, 1997) e para um acadêmico ser considerado um revisor pelo referido periódico ele necessita ter publicado pelo menos um livro. As revisões consistem de 500 a 1.000 palavras e devem trazer uma avaliação clara do conteúdo do livro e de sua contribuição para o conhecimento do campo. Há periódicos similares em outras áreas – psicologia e educação podem ser exemplos – e muitos outros que dedicam “seções” para a resenha de livro.

As dificuldades encontradas para uma avaliação justa e responsável do livro ainda carecem de maior detalhamento. Entretanto, não podemos negar que vivemos a época do artigo e da cultura do xerox em detrimento do livro e da cultura do livro.

Educação física, fonoaudiologia e terapia ocupacional apresentam linhas de investigação orientadas pelas ciências sociais e humanas. A educação física, particularmente, investiga em estreita proximidade com a área de educação (BRACHT, 2006), com a sociologia (BETTI, 1991), com a filosofia (FENSTERSEIFER, 1996), com a história (SOARES, 1998) apenas para citar alguns exemplos.

Na fonoaudiologia e na terapia ocupacional acontece o mesmo, pesquisas com enfoque qualitativo no acompanhamento de casos clínicos não são raras. Os estudos desenvolvidos nesses campos enfocam temas como linguagem, comunicação e deficiência com base na psicologia, na psicanálise, na antropologia, na sociologia e na educação.

Entre 2004 e 2005, realizamos um levantamento dos enfoques – ciências biológicas, ciências humanas e sociais – nas áreas de concentração dos programas de pós-graduação da Área 21. Consideramos temáticas que envolviam teorias e métodos das ciências sociais e humanas, de um lado, e das ciências naturais e biológicas, de outro. Considerando o triênio 2001-2003 para análise, encontramos os

seguintes dados: 1) cerca de 40% das áreas de concentração dos programas de educação física apresentam orientação para as ciências sociais e humanas; 2) na fonoaudiologia encontramos uma proporção similar entre áreas de concentração orientadas às ciências sociais e humanas e as orientadas às ciências naturais e biológicas, considerando os dados dos programas apresentados por ocasião da avaliação de acompanhamento em 2005.

É interessante notar que a grande área, ao dar grande peso à produção de artigos, limita as possibilidades de publicação de parcela significativa de pesquisadores, no caso, da educação física, não só no que concerne ao livro mas também à publicação em periódicos. Hopkins (2001) fez um levantamento dos periódicos científicos internacionais em que a produção da área de educação física/esporte é veiculada. Foram identificados 577 periódicos dos quais apenas 23 aceitavam produções da área pedagógica e sociocultural e destes apenas quatro apresentavam fator de impacto. Alguns irão afirmar que o baixo número de periódicos da área sociocultural e pedagógica é reflexo da imaturidade dessas áreas ainda não consolidadas. Nessa linha vamos encontrar também programas que colocam em seus planos estratégicos a consolidação dessas áreas, em que consolidar significa publicar artigos em periódicos indexados e de preferência internacionais. Trata-se de um equívoco na maioria dos casos. Como destaca Ribeiro (2003), os critérios tidos como relevantes pelas ciências exatas e biológicas (publicação em periódicos científicos, índices de impacto, gregarização da pesquisa) são inadequados para as ciências sociais e humanas que lidam com “a gestação de um saber que, por definição, contraria a nós mesmos” (p. 89). O tratamento dado à relação sujeito/objeto pelas ciências sociais e humanas traduz-se em grandes diferenças em relação à atitude das ciências naturais, das quais uma que merece destaque é exatamente como o conhecimento é construído, comunicado e debatido fazendo que haja incomensurabilidade entre critérios de qualidade de uma ciência e de outra.

À parte o embate entre ciências naturais e humanas e sociais, cabe refletir de forma mais detida sobre a natureza do livro, visando identificar elementos objetivos para sua avaliação.

NATUREZA DO LIVRO, IMPACTO E CRITÉRIOS PARA SUA AVALIAÇÃO

O impacto formativo do livro na preparação de futuros pesquisadores é reconhecido pela comunidade, a mesma que, em tese, considera o livro como produção “menor” se considerarmos os atuais critérios de avaliação da produção intelectual da grande área da saúde.

Mas o que torna o livro um diferencial na formação acadêmica? Há vários

aspectos, mas nos deteremos em quatro: o livro é profundo, é reflexivo, é especulativo e é atemporal. O livro dá espaço para que o pesquisador se aprofunde em suas idéias e na análise das idéias de outrem. É essa densidade que instiga o leitor a não uma, mas várias leituras. Lê-se o mesmo livro várias vezes e a cada vez se descobrem idéias que até então haviam passado despercebidas. A construção de novas idéias não decorre somente do conteúdo do livro desenvolvido pelo autor ou dos ditames da mente e do coração do leitor, é da composição de ambos que resulta a inovação. O livro possibilita esse ambiente virtual de experimentação e especulação que resulta do encontro entre leitor e escritor. Um artigo provoca essa expansão? Sim, mas não é freqüente, aliás, não se ouve *tal artigo é meu artigo de cabeceira...*

O livro é reflexivo e pode levar o leitor à introspecção, à reinvenção de idéias. Pode determinar mudanças nos modos de viver das pessoas. Tal como imagem refletida no espelho, o leitor diante do livro examina seus modos de pensar e agir e, muitas vezes, pode ver adiante, onde o espelho já não alcança. O exercício da reflexão e imaginação que porta o livro pode levar a formas diversas de interpretar dados e intervir na realidade. Pode promover novas linhas de pesquisa. O livro como instrumento ou meio para reflexão ou, mais propriamente, auto-reflexão, nutre um processo cognitivo, cujas características foram expostas por Maturana e Varela (1982), denominado autopoiese, considerado fundamental para todo sistema, biológico ou social.

O livro é especulativo na medida em que não reconhece as amarras que comumente enlaçam a rotina do pesquisador nas formas do que Kuhn (1982) denominou paradigma e ciência normal. A idéia de que o pesquisador está preso a um agir conservador ditado pelo paradigma de uma área num processo característico da ciência normal tem sido combatida. Prigogine e Stengers (1986) escreveram que se o pesquisador agisse como Kuhn preconiza seria um sonâmbulo.

O pensamento do pesquisador está, ou deveria estar, em constante fluxo entre estabilidade e instabilidade; para usar um termo em voga, ele deve estar no *limite do caos*³. O livro possibilita esse espaço de convivência com a desordem. O pesquisador passa a especular de forma responsável, mas sem disciplinar a audácia.

Há muitos exemplos do que estamos falando, vamos citar dois: no período compreendido entre os anos de 1920 e 1950 predominava na ciência psicológica a visão do comportamento como sendo fruto de um processo de condicionamento operante no qual o cérebro do indivíduo era tratado meramente como uma central

³ Vários autores, entre eles destaca-se Kauffmann (1993), usam essa expressão para falar num sistema que convive com ordem e desordem, sendo a segunda a fonte para a primeira.

de recepção e transmissão de impulsos da periferia para o centro e deste de volta para a periferia. Vários experimentos foram descritos em periódicos científicos corroborando essa visão conhecida como behaviorismo. Em 1949, o neurofisiologista canadense Donald Hebb escreveu o livro *The organization of behavior*, no qual paradigma das ciências comportamentais teve uma participação, no mínimo, secundária. Hebb destaca propriedades do cérebro que o colocavam não como uma central passiva de transmissões, mas como uma entidade viva e ativa que gerava padrões neurais. Hebb era um experimentalista nato tendo publicado vários artigos experimentais investigando a memória com base em modelos animais, mas na ocasião em que escreveu seu livro ele não tinha dados experimentais para sustentar suas afirmações. Ele fez uma série de suposições e especulações sobre o cérebro. Seu livro, inicialmente recebido com certa dose de ceticismo pelos experimentalistas da época, estimulou uma geração de jovens pesquisadores não comprometidos com a ciência normal, contribuindo de forma importante para a chamada revolução cognitivista ocorrida na década de 1960. O impacto da audácia de Hebb faz-se sentir ainda hoje quando vemos que em vários campos das neurociências as idéias seminais presentes em seu livro têm sido corroboradas experimentalmente em estudos conduzidos nos últimos 20 anos, entre elas a famosa Lei de Hebb sobre a interação entre neurônios na representação de eventos na memória.

Outro exemplo pode ser encontrado na biologia molecular e, particularmente, na genética. Os avanços registrados nesses campos têm servido de paradigma para toda ciência, assim como a física serviu de paradigma para a ciência moderna a partir do século XVII. Em grande parte esses avanços tiveram como origem um pequeno livro (não chega a 100 páginas em sua versão original) publicado na década de 1940 por um físico renomado, Erwin Schrödinger. Em *What is life?*, Schrödinger traz idéias inovadoras seminais sobre a natureza de processos quânticos na emergência e desenvolvimento da vida no universo. O livro de Schrödinger influenciou pesquisadores nos mais diversos campos, ainda que na época o autor não tivesse as evidências empíricas para fazer tais afirmações. Aliás, muitas das especulações de Schrödinger se provaram equivocadas, mas isso não impediu que seu livro inaugurasse uma nova forma de ver a natureza, e os fenômenos biológicos, particularmente.

A consideração dos três aspectos do livro já ressaltados reforça o quarto: o livro é atemporal. O livro retrata o seu tempo, ele não surge isolado do contexto histórico, não obstante, podemos atribuir-lhe sentido para além desse seu espaço e tempo. Há livros que se tornam datados, mas ainda assim são uma fonte essencial para apreciar a aventura do pensamento humano. É nesse sentido que repousa seu

aspecto atemporal. Na era da informação, em que o mais importante é entendido, muitas vezes, como o mais recente, o livro pode ajudar o estudante a identificar o quadro evolutivo das idéias de uma área. Sem noção da trajetória de um campo de conhecimento, um jovem pesquisador poderá reproduzir técnicas e métodos sem condições de avançar na investigação para além da visão de um orientador ou grupo de estudo.

Os quatro aspectos citados caracterizam o livro como uma produção singular. Logicamente não podemos esperar que todo livro publicado na área venha a atender aos quatro aspectos mencionados. Mas o que importa ressaltar é que o livro, pelas características que apresenta, pela sua natureza, exige um exercício diferenciado se o comparamos com a sistematização de um artigo.

Essa qualidade do livro, entretanto, tem ficado perdida nas últimas décadas diante da atração que os indicadores bibliométricos passaram a exercer sobre a comunidade científica. Mas o bom livro pode abrir um espaço de desenvolvimento de idéias que são essenciais para a formação no nível da pós-graduação. Nesse sentido, é surpresa constatar que o livro é considerado produção "menor", de acordo com os indicadores usados na avaliação da produção intelectual. Na grande área da saúde um pesquisador que publica um livro e dois capítulos de livro num triênio corre risco de ser considerado improdutivo, e o programa com o qual está vinculado pode ser penalizado com rebaixamento no conceito.

O livro é um veículo para novas idéias, é uma fonte instigante de novos pensamentos, trilha a fronteira entre o que é estabelecido e o que é especulativo. Ante essa natureza e considerando ainda a finalidade precípua da pós-graduação, formar professores, pesquisadores e profissionais diferenciados necessariamente remete ao bom livro, e não somente ao artigo.

A noção de impacto praticada na grande área da saúde é associada à frequência de citações de artigos de um periódico em outros. Há, também, o levantamento da frequência de citações de um artigo específico em outros artigos. Se o uso desses indicadores para avaliar a qualidade da produção intelectual de um indivíduo, grupo ou instituição é questionável (GARFIELD, 1983, 1994, 1995), aplicar a mesma lógica para avaliar o livro seria uma solução irresponsável.

Um livro forma pessoas que irão formar outras e nesse processo não há uma relação linear entre o que o mestre leu e o que aluno lê. O tempo de reconhecimento de um livro, a ponto de ser citado de forma freqüente, também é diferente do tempo, por exemplo, de um artigo. Em contrapartida, um livro, quando é reconhecido como de grande valor pela comunidade, passa a ter vida longa de impacto no que concerne a citações.

O livro *Teoria geral e especial da relatividade*⁴ de Albert Einstein não está em nenhum *ranking* dos mais citados⁵, dizem, aliás, que pouca gente o leu e menos ainda o entendeu; não obstante, é inquestionável o impacto dessa teoria para o pensamento da física no século XX. Há muitos exemplos de obras literárias de grande influência no pensamento moderno que não resistiriam à aplicação dos indicadores bibliométricos usados para qualificar impacto.

Se o impacto num sentido amplo é difícil de ser avaliado pelas características e natureza do livro, e se o impacto dado por indicadores bibliométricos é inadequado para a sua apreciação, resulta que uma avaliação da qualidade da produção intelectual com base no livro não pode prescindir da avaliação do seu conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é raro ouvir pelos corredores da universidade que o livro é uma produção que trata de conhecimento já produzido, logo ele não seria um bom indicador da produção intelectual no que tange à pós-graduação. Tal afirmação é tão equivocada quanto a que considera que todo artigo, uma vez publicado, consiste em novo conhecimento. A recorrência de determinados temas pode pressupor outras perspectivas de análise, ou novas metodologias e assim contribuir para abrir outras linhas de pesquisa ou campos de produção de conhecimento e intervenção.

No campo da saúde, o livro desempenhou e desempenha papel fundamental na formação de novos profissionais, de pesquisadores e docentes. Serve, ademais, à veiculação de novas idéias, de novos paradigmas e teorias que dão sustentação a muitas linhas de pesquisa. O livro permite a abordagem de problemas locais de grande ressonância para a sociedade.

O livro constitui-se, assim, num indicador válido, pertinente e oportuno da produção intelectual, que necessita ser avaliado de forma compatível com sua natureza. Nesse sentido, entende-se que o livro deve ser avaliado diretamente, isto é, deve-se analisá-lo em seu mérito acadêmico e seu significado e sua relevância para a pós-graduação. Toda análise pressupõe a identificação de elementos que caracterizam ou compõem uma obra. Esses elementos operacionalizados em critérios

⁴ Esse livro recebeu a sua primeira edição em português no Brasil em 1998 pela editora Contraponto.

⁵ Segundo levantamento do Institute of Scientific Information o livro mais citado em artigos é o *Molecular cloning: a laboratory manual* publicado em 1982. Ele é citado em 150 mil artigos até 2005; em contrapartida, o artigo mais citado foi publicado em 1951 no *Journal of Biological Chemistry*, tendo 293 mil citações, embora o próprio autor não reconheça esse artigo como o seu trabalho mais importante (GARFIELD, 2005).

podem gerar questões que devem ser consideradas em relação ao conjunto da obra em apreço. Tratá-las isoladamente pode gerar distorções.

Disso decorre que os critérios devem ser tratados como elementos norteadores para um pensar sobre o papel do livro no programa, especificamente, e no sistema nacional de pós-graduação e graduação, de modo amplo. Afinal, o livro é uma produção que se constrói de forma diversa daquela característica da produção de artigos em periódicos científicos. Enquanto os periódicos são avaliados pela sua capacidade de discriminar informação fidedigna e rapidamente difundi-la para uma comunidade especializada, a avaliação do livro enfoca a permanência e a força desse veículo de comunicação na geração de conhecimento que faz refletir não só sobre o “como fazer”, mas “por que fazer” e, sobretudo, “para quem fazer” ciência.

The book as an indicator of the intellectual production in the grand area of health

ABSTRACT: The printed book has had a fundamental role in the formation and diffusion of ideas and knowledge. The university is the space for the book though, until recently, the evaluation policy of funding agencies, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) in particular, has given the book, a minor status with pernicious consequences for postgraduate programs and researchers in the field of health whose investigation are oriented by social and human sciences. The present essay reflects upon the nature of the book and its impact as an indicator of intellectual production in the grand area of health.

KEY WORDS: Book; intellectual production; book evaluation; evaluation policy of Capes; grand area of health; social and human sciences.

El libro como indicador de la producción intelectual en la grande área de la salud

RESUMEN: El libro impreso ha tenido destacado papel en la formación y difusión de ideas y de conocimientos. La universidad es el espacio para el libro, no obstante, la política de la evaluación de las agencias del soporte financiero, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) en particular, ha dado un papel secundario para el libro con desastrosas consecuencias para el programa del postgrado y docentes del campo de la salud que tienen sus investigaciones orientadas por las ciencias sociales y humanas. El presente artículo propone reflexiones sobre la naturaleza del libro y su impacto como el indicador de la producción intelectual en la grande área de la salud.

PALABRAS CLAVES: Libro; producción intelectual; evaluación del libro; política de evaluación de Capes; grande área de la salud; ciencias humanas y sociales en la salud.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. *Educação física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. ; CARVALHO, Y. M.; DAOLIO, J.; PIRES, G. L. A avaliação da educação física em debate: implicações para a subárea pedagógica e sociocultural. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 1, n. 2, p. 183-194, 2004.

BRACHT, V. Por uma política científica para a educação física com ênfase na pós-graduação. In: FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 2006. *Anais...*Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, Campinas, 2006.

BUFREM, L. S. *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica para a reformulação da prática*. São Paulo: Edusp/Com-Arte; Curitiba: Editora UFPR, 2001.

CARVALHO, Y. M.; MANOEL, E. J. Para além dos indicadores de avaliação da produção intelectual na grande área da saúde. *Revista Movimento*, v. 12, n. 3, p. 193-225, 2006.

CHAUÍ, M. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

DANTAS, F. Responsabilidade social e pós-graduação no Brasil: idéias para (avali)ação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 1, n. 2, p. 160-172, 2004.

FENSTERSEIFER, P. E. A contribuição da filosofia para a área de educação física e/ou ciências do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 17, n. 2, p. 167-71, jan. 1996.

GARFIELD, E. How to use citation analysis for faculty evaluations and when it is relevant. Part I. *Essays of an information scientist*, v. 6, p. 354-362, 1983.

_____. Dispelling a few common myths about journal citation impacts. *The Scientist*, v. 11, n. 3, p. 11, 1994.

_____. Análisis cuantativo de la literatura científica y sus repercusiones en la formulación de políticas científicas en America Latina y Caribe. *Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana*, v. 118, n. 5, p. 448-456, 1995.

_____. The agony and the ecstasy – the history and meaning of the journal of impact factor. In: INTERNATIONAL CONGRESS ON PEER REVIEW AND BIOMEDICAL PUBLICATION, Chicago, 2005. *Anais...* Chicago: s.ed., 2005.

HEBB, D. O. *The organization of behavior*. New York: Wiley, 1949.

HOPKINS, W. G. Journal impact factors in sport and exercise science, 1999-2000. *Sports Science*, v. 5, n. 3, 2001. Disponível em: <sportssci.org/jour/0103/wgh.htm>. Acesso em: 20 set. 2005.

KAUFFMANN, S. *The origins of order*. Oxford: The University of Oxford Press, 1993.

- KOKUBUN, E. A avaliação da educação física em debate: esclarecimentos. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 1, n. 2, p. 195-200, 2004.
- KUHN, T. S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.
- LUZ, M. T. Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria *produtividade* e as condições atuais da vida acadêmica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 15, n. 1, p. 39-57, 2005.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *Autopoiesis and cognition*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1982.
- MINDLIN, J. E. Apresentação à edição brasileira. In: FEBVRE, L.; MARTIN, H. J. (Orgs.). *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista/Hucitec, 1992.
- NATOWITZ, A.; CARLO, P. W. Evaluating review content for book selection: an analysis of american history reviews in *Choice*, *American Historical Review*, and *Journal of American History*. *College & Research Libraries*, jul. 1997.
- PRIGOGINE, I.; STENGERS, I. *A nova aliança*. Brasília: Editora da UnB, 1986.
- RIBEIRO, R. J. *A universidade e a vida atual*. Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.

Recebido: 31 jan. 2007
Aprovado: 10 maio 2007

Endereço para correspondência
Yara M. de Carvalho
Rua Paraguai, 300 – Recanto I.N.P.L.A.
Carapicuíba-SP
CEP 06350-170